



**MÚTIPLAS BALIZAS: O REALISMO MARAVILHOSO NOS CONTOS
O HOMEM E O CROCODILO E A LAGOA DOS MACACOS,
DE AMADOU HAMPÂTÉ BÂ**

**MULTIPLE TARGETS: THE WONDERFUL REALISM IN THE TALES
O HOMEM E O CROCODILO AND A LAGOA DOS MACACOS,
BY AMADOU HAMPÂTÉ BÂ**

Helenice Christina Lima Silva¹

Alexander Meireles da Silva²

Recebido em: 04 jun. 2021

Aceito em: 08 ago. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i4.38315

RESUMO: O presente trabalho tem como proposta analisar a expressão da vertente do Realismo Maravilhoso nos contos *O homem e o crocodilo* e *A lagoa dos macacos*, inseridos em *Il n'y a pas de petite querelle* (1999), de Amadou Hampâté Bâ. Para isso, observa-se como alguns acontecimentos insólitos presentes nos contos supracitados, podem contribuir para a compreensão desses fenômenos nas narrativas coletadas pelo referido autor. Utilizam-se as propostas teóricas de Irlemar Chiampi (2015), Alejo Carpentier (1949), Maria Cristina Batalha (2012) dentre outros autores que abordam em seus escopos, aspectos referentes ao Realismo Mágico/Maravilhoso e como estes podem ser representados nos contos africanos selecionados.

Palavras-chave: Contos africanos. Realismo Maravilhoso. Amadou Hampâté Bâ.

¹ Graduação em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (2004). Graduação em Pedagogia pela Universidade de Uberaba (2010). Especialização em Educação Infantil e Séries iniciais pela Faculdade Católica de Uberlândia (2006). Especialização em Educação das Relações Étnicorraciais e História e Cultura Afro-brasileira e Africana (2009). Mestre em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia (2015). Professora da Rede Municipal de Uberlândia cedida para ONG (Centro Educacional Eurípedes Barsanulfo). Doutoranda em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás, regional Catalão/ UFCAT em transição. E-mail: nitelima80@gmail.com

² Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), Mestre em Literaturas de Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2003), Especialista em Educação a Distância pelo SENAI-RJ (2003), Especialista em Literaturas de Língua Inglesa (2000), Bacharel e Licenciado em Língua Inglesa e Literaturas Correspondentes (1998) pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor Associado de Língua Inglesa e Literaturas de Língua Inglesa da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás - Regional Catalão. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da RC/UFG. Fundador dos Grupos de Pesquisa ESTUDOS DO GÓTICO (CNPq) e NÓS DO INSÓLITO: VERTENTES DA FICÇÃO, DA TEORIA E DA CRÍTICA (CNPq). É autor do livro LITERATURA INGLESA PARA BRASILEIROS: curso completo de literatura e cultura inglesa para brasileiros (2005). É criador de conteúdo do canal do *YouTube* FANTASTICURSOS. E-mail: prof.alexms@gmail.com



ABSTRACT: The present work proposes to analyze the expression of the Marvelous Realism aspect in the short stories *O homem e o crocodilo* and *A lagoa dos macacos*, inserted in *Il n'y a pas de petite querelle* (1999), by Amadou Hampâté Bâ. Therefore, it is observed how some unusual events present in the aforementioned tales can contribute to the understanding of these phenomena in the narratives collected by the aforementioned author. The theoretical proposals of Irlemar Chiampi (2015), Alejo Carpentier (1949), Maria Cristina Batalha (2012) are used, among other authors that address, in their scope, aspects related to Magical/Wonderful Realism and how these can be represented in selected African tales.

Keywords: African tales. Wonderful realism. Amadou Hampâté Bâ.

INTRODUÇÃO

Por muito tempo os países africanos passaram por longos períodos de colonização e estiveram em um extenso processo de luta para o “reconhecimento de suas narrativas orais como fonte legítima de conhecimento histórico” (HAMPÂTÉ BÂ, 2003). Dessa luta, temos atualmente os campos literários africanos que consideram, em sua base, duas matrizes, sendo elas a tradicional africana juntamente a europeia, gerando assim, uma literatura essencialmente africana, que apesar do período de degradação dos regimes “tenderam para uma produção literária mais autônoma” (N’GORAN, 2009, p. 30).

Amadou Hampâté Bâ (1900-1991), um dos precursores no resgate dessas narrativas tradicionais, dedicou sua vida à coleta de narrativas que percorreram grande parte da África Ocidental, com o propósito de que não se perdessem com o tempo. Para tanto, iniciou, a partir de 1945, o processo de coleta, transcrição, tradução e publicação dos contos africanos. Os contos coletados abarcam a região do Oeste africano, juntamente aos povos fulas, seu grupo étnico de origem. Dentre as obras publicadas daremos destaque a coletânea *Il n'y a pas de petite querele* (1999), da qual trataremos dois contos que serão analisados *a posteriori*.

De acordo com Hampâté Bâ (1994),

A função geral do conto na cultura africana, costumava dizer, é a mensagem de ontem, destinada ao amanhã, transmitida através de hoje. Mitos, contos, lendas, ou jogos infantis têm sido frequentemente um caminho para os sábios da antiguidade transmitirem, através de séculos, de uma maneira mais ou menos velada, através da linguagem, imagens, conhecimentos que desde a infância ficarão gravados na profunda memória do indivíduo, a ressurgir, talvez, no momento apropriado, iluminado com um novo sentido (HAMPÂTÉ BÂ, 1994, p. 205).



Vale ressaltar que os contos africanos, além de ocuparem um espaço importante nessas sociedades, podem ser ouvidos em muitos níveis de interpretação ou recreação, ou seja, destinados à distração ou como introdução às regras morais, sociais e tradicionais, à medida que revelam o que deve ser ou não.

A partir das possíveis perspectivas de interpretação dos contos, examinaremos, neste artigo, o quão seria viável a compreensão da amplitude dos contos africanos recorrendo às marcas que compõem o fantástico e suas vertentes, atentando-se a pequenos detalhes do insólito que possam surgir no decorrer das narrativas.

Como suporte para este estudo, estabeleceremos o seguinte percurso: trataremos brevemente do conceito do Real Maravilhoso e, na sequência, aplicaremos esse entendimento na análise dos contos *O homem e o crocodilo* (1999) e *A lagoa dos macacos* (1999) enquanto representantes dessa expressão da literatura fantástica na cultura africana.

Sobre o realismo maravilhoso

As primeiras considerações sobre o Realismo Mágico têm sua origem no universo da pintura, em meados de 1924, pelo crítico alemão Franz Roth, a partir da análise de pinturas de artistas expressionistas e pós-expressionistas. O livro intitulado *Nach-Expressionismus, Magischer Realismus: Probleme der neuesten europäischen Malerei*³, foi publicado com a proposta de uma nova abordagem realista da pintura, entretanto, a nomenclatura toma proporções diferenciadas de entendimento e passa a ideia de magia dentro do realismo. De acordo com Rodriguez (1982), não parecia estar nos planos de Roth associar a sua obra à criação de um novo movimento estético, pois ele retira o subtítulo da obra ao publicar outra edição, em 1958.

Contudo, o termo Realismo Mágico migra para América Latina, no final dos anos 1940, e se estende à literatura, vinculando-se ao fazer literário. O escritor venezuelano, Arturo Uslar Pietri, utiliza o termo Realismo Mágico em seu livro *Letras y hombres de Venezuela* (1948), que conforme Calazans (2009) salienta, “essa nova narrativa viria incorporar o mistério e uma adivinhação (ou negação) poética da realidade” (CALAZANS, 2009, p. 51).

Em consonância com essa vertente do modo fantástico, temos Alejo Carpentier, escritor cubano, que em *El Reino de este mundo* (1949) demonstra um exemplo do que ele denomina de real maravilhoso, ao retratar o cenário presenciado por ele em 1943, no Haiti, durante o reino

³ Em tradução livre: Pós-expressionismo, realismo mágico: problemas da nova pintura europeia.



de Henri Christophe. Nesse ambiente, ele constata a presença de negros sendo escravos dos próprios negros. Ainda nesse contexto, Carpentier reitera que parte desses negros se vestiam de pompas, perucas brancas e acessórios remetendo a um estilo napoleônico, além de ocuparem arquiteturas luxuosas. Chiampi ao analisar essa mesma sociedade, conclui se tratar de “uma nação de negros, praticantes do vodou, que adotaram o catolicismo como religião oficial” (2015, p. 31).

De acordo com a referida autora, na apresentação do episódio, observa-se representada:

[...] a união de elementos díspares, procedentes de culturas heterôgeneas, configura uma nova realidade histórica, que subverte os padrões convencionais da racionalidade ocidental. Essa expressão, associada amiúde ao realismo mágico pela crítica hispano-americana, foi cunhada pelo escritor cubano para designar, não as fantasias ou invenções do narrador, mas o conjunto de objetos e eventos reais que singularizam a América no contexto ocidental. (CHIAMPI, 2015, p. 32).

Além de complementar, o intuito de Carpentier é o de resgatar o acontecimento histórico do continente, enfatizando o afrancesamento e os sincretismos culturais do primeiro rei negro da América, chamado Henri Christophe (1807-1820), que antes fora cozinheiro, no período da colonização francesa. Tais percepções têm a finalidade de demonstrar efeitos do real na racionalidade ocidental, em contraponto aos elementos díspares, procedentes de culturas heterogêneas com efeitos do irreal, acenando para a noção de “real maravilhoso” a fim de delimitar essa nova modalidade do insólito.

Ao comentar sobre algumas vertentes da Literatura Fantástica, Cristina Batalha diz que no Realismo Maravilhoso e no Realismo Mágico temos:

[...] a sobrenaturalização do natural e a naturalização do sobrenatural. O realismo mágico/maravilhoso distingue-se do fantástico *strito* na medida em que a irrupção do irracional ou do extraordinário não é apreendida pelo viés de um conflito frontal entre a realidade comumente aceita — o racional — e outra coisa que a nega — o irracional ou sobrenatural. A perspectiva do realismo mágico é, ao contrário, sintética, consolidando uma percepção particular do real; nessa estética, o racional e o irracional, a realidade e o sonho, o real e o imaginário, comparecem no texto de modo a ultrapassar as antinomias assim expostas, a fim de propor uma nova apreensão do mundo. (BATALHA, 2012, p. 499).



À essa nova apreensão de mundo, configurada a partir da contradição das proposições destacadas pela autora e que abarcam o Realismo Maravilhoso; traremos as variáveis inseridas nos espaços das narrativas tradicionais, que por muitas vezes foram deixadas à margem, como as que contemplam as literaturas africanas. Neste artigo destacamos as de língua francesa, habilmente coletadas por Amadou Hampâté Bâ.

Afluências narrativas nos contos africanos de Hampâté Bâ

Trazendo essa discussão sobre o Realismo Maravilhoso, propomos a percepção de como esses pequenos detalhes do insólito manifestam-se nas literaturas africanas. Essas narrativas, aqui representadas pelos contos coletados por Hampâté Bâ, trazem em seu bojo, uma ligação profunda com a sociedade que as produz, reverberadas por meio de uma ética social e apresentadas a partir dos defeitos ou das qualidades dos seres que a representam.

Os contos inseridos na coletânea *Il n'y a pas de petite querelle* referem-se a histórias imaginárias, fantásticas, sobrenaturais, que encontram sua expressão no estranho, no mistério, e encenam uma sociedade na qual homens, animais e seres sobrenaturais evoluem juntos, seguindo uma lógica interna. A presença do fantástico constitui tema central da coleção e assume variadas formas, de acordo com o conto, por representar personagens sobrenaturais como espíritos, fantasmas, feiticeiros, curandeiros, deuses e outros monstros.

No conto *O homem e o crocodilo* ou *O benefício estragado*, a narrativa apresenta uma situação inicial de aparente auxílio mútuo. Partiremos para o trecho em que nos é apresentado o quadro:

Um crocodilo imprudente havia se aventurado longe o suficiente em terra firme. Mas naquele dia um incêndio irrompeu no mato com grama densa. Nosso infeliz crocodilo, logo bloqueado pelas chamas, não pode mais alcançar as águas maternas do rio. O fogo está se aproximando. A fumaça o envolve. Sufocado, ele perde a respiração. Procurando seu caminho, suas patas batendo desajeitadamente nas pedras, ele segue todo o caminho ... De repente, ele vê ao longe, caminhando em direção à aldeia, um jovem robusto carregando um carregamento de folhas na cabeça. Uma grande sacola está pendurada ao lado ... O crocodilo grita, clama por socorro. O homem para. "Qual é o problema, crocodilo? O que você quer?" (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 205).



“Eu imploro, venha em meu auxílio. Vou morrer aqui se não me levar de volta ao rio” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 35). Nesse momento o homem interpela o crocodilo, que tem medo de ajudá-lo e de o benefício da ação ser rompido por uma das partes. Em seguida profere um provérbio: “Qualquer coisa que vá para o sol vai secar eventualmente”. Algo comum nas comunidades africanas, e que de acordo com o estudioso Obelkevich, apresentam-se com a proposta de oferecerem “sabedoria e conselhos, de maneira rápida e incisiva” (1997, p. 44). Hampâté Bâ insere na nota de rodapé do conto, uma explicação para o provérbio, utilizando-se de um ditado francês que diz: “É ao pé da parede que conhecemos o pedreiro”. Mesmo depois de emitir essa sabedoria, oferece ao crocodilo sua ajuda, e é nesse instante que acontece algo inusitado, o crocodilo depois de entrar na sacola do homem e ser lançado por ele em uma parte mais tranquila do rio, é surpreendido pelo abocanhar do crocodilo.

A situação já era prevista pelo homem, em relação a atitude do crocodilo, e este, arditosamente, justifica-se:

“Ó homem!” — ele disse. Não me censure, porque durante uma semana fiquei perdido no mato e todo esse tempo não encontrei nada para comer. Se eu deixasse você ir agora, morreria de fome.” Indignado com tamanha injustiça, o homem exclama: “Você não tem vergonha de pagar mal pelo bem que fez a você?” “Bom!” — disse o crocodilo. “Vamos esperar que alguém venha beber no rio e pedir que nos julgue.” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 37).

A proposta do crocodilo era a de ser julgado por alguém que primeiro aparecesse à beira do rio. No decorrer da narrativa, torna-se perceptível que os personagens que auxiliam no julgamento do homem e do crocodilo são animais. Conforme Pierre N’DA K (1984), em seus estudos a respeito dos contos africanos, tal presença justifica-se por considerar que nessas narrativas “certos animais são personagens alegóricos e seus costumes e comportamentos são os dos homens a quem a moral desses contos é de fato dirigida” (N’DA K, 1984, p. 33). Dessa forma, os animais que sucedem no decorrer do julgamento assumem papéis morais de natureza humana.

Um dos primeiros animais a surgir no transcorrer do julgamento, é uma velha égua que fustigada pelo crocodilo, conta sua história que consiste na exploração de seus serviços por seu dono e o desprezo no final da vida. Com sentimento de revolta perante seu fim, propõe ao crocodilo “Então, se é verdade que um benefício não deve ser mal pago, certamente não é em nossa aldeia” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 39). O homem aguarda um outro julgamento após



resistentemente insultar a égua, questionando a inviabilidade do parecer de um ser tão desprezível.

Eis que surge um burro e ele concorda também com o crocodilo. Expõe sua história de trabalho árduo carregando pesadas cargas durante toda sua vida e como, agora na velhice, não tem serventia alguma, confirmando o que o crocodilo tanto queria “O benefício é justamente o que deve ser mal pago!” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 39). E ainda sugere ao crocodilo fazer o homem em pedaços, jogando-o posteriormente na correnteza do rio.

Já cansado de tantas manifestações desfavoráveis, inesperadamente surge a opinião de um terceiro animal: a lebre. Esta, graças a sua astúcia, permite ao homem escapar e matar o crocodilo. No retorno ao lar, estava acompanhado pela lebre.

Chegando em frente à entrada de sua casa, o homem disse à lebre: "Entre!" “Não é assim que se deve proceder”, disse a lebre. “Você tem que entrar primeiro. Se uma pessoa saiu de casa e está voltando com um hóspede, é mais apropriado que ela verifique primeiro as condições de sua residência”. “Você está certo”, disse o homem. (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 45).

Ao adentrar em sua casa, o homem encontra seu filho moribundo, sob os cuidados de um curandeiro. Este, o orienta: “Vá rapidamente e pegue alguns cérebros de coelho e sangue de crocodilo” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 45). A lebre, inicia sua fuga e roga a Deus não ver esse homem nunca mais na vida. A figura representada pela lebre, personagem recorrente nos contos africanos “se apresenta nos contos como o corretor dos erros, contra a força, ela se opõe a malícia, luta contra a injustiça, usa sua astúcia para defender os fracos, os oprimidos, para fazer triunfar a lei e a equidade” (N’DA K, 1984, p. 52).

O elemento fantástico representado na narrativa, apresenta-se na figura do curandeiro que joga seus búzios no chão, pequenas conchas brancas que servem como instrumento de adivinhação, interpretando suas posições a fim de descobrir o remédio que mais convém à criança.

O personagem do curandeiro e seu processo de adivinhação, por intermédio do jogo de búzios, demonstra a necessidade do acontecimento de algo sobrenatural em resposta a uma situação real, controlada pela razão, contudo, motivada pela fé que proporcionaria a cura do filho do homem. Para Carpentier “os que não creem em santos não podem curar-se com milagres de santos” (1949, p. 5, tradução nossa).



Chiampi (2015) corrobora com a fala de Carpentier ao escrever sobre a relação entre a noção de fé restabelecida ao compromisso com o real. Segundo ela, fica perceptível que

[...] a intenção evidente é deslocar a busca imaginária do maravilhoso e avançar uma redefinição da sobre-realidade: esta deixa de ser um produto da fantasia — de um “*dépaysement*” que os jogos surrealistas perseguiram — para constituir uma região anexada à realidade ordinária e empírica, mas só apreensível por aquele que crê (CHIAMPI, 2015, p. 36).

No conto *O lago dos macacos*, o quadro inicial da narrativa inicia com a ambientação do espaço onde os acontecimentos são narrados:

No mais antigo reino fula se estendeu uma floresta densa onde cresciam plantas herbáceas e árvores de todas as espécies. No meio da floresta encontrava-se um grande lago com águas claras, doces, límpidas, mas extremamente profundas. (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 99).

O ambiente apresentado nos remete a uma constante harmonia. Sendo esta rompida em detrimento da saída de seres vivos de diferentes espécies, advindos dessas águas, além da transformação de qualquer elemento poluído que nelas caíam. Do lado externo do lago, macacos brigavam e até se matavam na tentativa de descobrirem a origem do lago.

Na narrativa, observa-se a água como esse elemento maravilhoso que assume um caráter sagrado, o lago, cujas águas maravilhosas têm o dom de transformar tudo que nele cai, representando um emblema da vida e da verdade (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 101). A água também simboliza a purificação, a transformação de algo, que a princípio parecia impuro, sendo modificado para algo puro. Diariamente, os detritos que eram atirados no lago, no decorrer do dia, eram transformados, emergindo como novos seres vivos, os quais, em segundos, dispersavam-se na natureza. A transformação advinda desse elemento que assume característica sobrenatural “rompe o equilíbrio inicial e o equilíbrio final, perfeitamente realistas” (CAMARANI, 2014, p. 72).

Nos contos coletados pelo autor, reconhecemos aspectos que retomam as qualidades e os defeitos humanos, que de acordo com Hampâté Bâ, devem ser expostos ao ouvinte, despertando nele, reflexões na narrativa. Observamos os animais personificados em condutas



humanas: temos os macacos e as macacas que representam o egoísmo e um pensamento limitador; a garça, que vem trazer para o leitor a moral da história; o pelicano, como o exemplo de humildade e caráter.

Para o autor, nas sociedades africanas, quando se deseja reprovar alguém por seu comportamento ou lhe apresentar suas falhas, isso nunca é feito diretamente. Para tal, o acusador apresenta um conto e a pessoa, sem ser citada de forma explícita, reconhece suas falhas. Nos contos apresentados em *Il n'y a pas de petite querelle*, essa abordagem é recorrente. Conforme Hampâté Bâ, “a imagem ou a narrativa é a melhor maneira de elogiar ou culpar as pessoas sem despertar o orgulho ou sua autoestima” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 7).

O cenário natural, no início do conto, ambienta o ouvinte e propõe, no desenrolar da história, a visão de uma floresta, um lago profundo, objeto do desejo das personagens, e o ponto de vista dessas personagens sob a ótica e a presença desse lago, proporcionando um profundo conhecimento através das coisas, da natureza e das aparências.

Conforme Borges Filho e Gaeta (2005), no texto literário podem ser destacadas algumas funções, dentre elas, o espaço influenciando as personagens e também sofrendo suas ações. Segundo os autores:

[...] o espaço não somente explicita o que é ou será a personagem. Muitas vezes o espaço influencia a personagem a agir de determinada maneira [...]. Outras vezes, não é o espaço que influencia a personagem, mas o contrário: a personagem transforma o espaço em que vive, transmitindo-lhe suas características ou não. (BORGES FILHO; GAETA, 2005, p. 94-95).

No conto, podemos perceber a paz do pelicano em relação ao espaço que é a lagoa, mesmo mediante aos insultos dos macacos “os pelicanos de longo bico nadavam tranquilamente sobre as águas. Às vezes, eles mergulhavam e enchiam de peixes o comprido papo que tinham debaixo do bico” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 100). Por outro lado, o mesmo objeto também influencia negativamente os macacos, na medida em que estes desconhecem a sua origem e percebem que nada abala a sua estabilidade, e também por instigar neles o sentimento de posse e revolta. Esse sentimento atribuído aos macacos, confirma o que a garça diz: “Vocês somente conseguirão perturbar as águas do seu próprio lago interior, mas nunca aquelas do grande lago, fonte de vida, de paz e de harmonia” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 101). Nos remetendo a não



influência das características das personagens, neste caso, dos macacos, ao espaço de harmonia representado pelo lago.

De acordo com Hampâté Bâ (1999), os contos apresentam algo em comum: a capacidade de iluminar o comportamento social ou individual do ser humano em que “várias observações preciosas são vislumbradas, lançando luz sobre esse ou aquele aspecto bom ou ruim da natureza humana” (HAMPÂTÉ BÂ, 1999, p. 6).

Primeiramente, foram elencadas essas marcas do insólito, presente nos contos selecionados, corroborando com a análise do texto narrativo, além de utilizar do fantástico para “organizar a estrutura fundamental de representação e para transmitir de maneira forte e original experiências inquietantes à mente do leitor” (CESERANI, 2006, p. 12). Dessa maneira, observam-se essas experiências representadas por meio dos personagens que, em ambos os contos, aparecem de forma antropomorfizadas, trazendo à tona as mazelas humanas.

Em *O homem e o crocodilo*, temos a ingratidão, considerada na África Negra como um dos maiores vícios que o homem pode sofrer. O conflito demonstrado pelo narrador surge do fato de o crocodilo não reconhecer o benefício que o homem lhe fez, porque estava com fome. Contudo, no desfecho da narrativa é o homem que não reconhece a lebre como aquela que o salvou do crocodilo. Os papéis se invertem e tem-se o símbolo da ausência de solidariedade e de ajuda mútua sem compensação e o desrespeito à palavra dada. Essa atitude inadmissível nas sociedades africanas, transparece a partir da quebra da promessa do crocodilo de não se voltar contra o homem que lhe salvou.

Já em *A lagoa dos macacos*, os personagens estão representados também por esses animais antropomorfizados, que, perante o lago e as maravilhas por ele reproduzidas, despertavam inúmeras visões a respeito das transformações que provocava nos elementos da natureza, visões estas, por muitas vezes, contraditórias, gerando inúmeros conflitos. A figura do narrador está caracterizada pela garça e seus apontamentos, que percorrem todo enredo em relação à postura dos animais e às suas perspectivas no que se refere ao lago.

Os elementos que compõem os contos, desde o narrador, os personagens, o enredo e a trama, são peças essenciais na construção da narrativa, e auxiliou-nos a identificar as balizas que os acontecimentos insólitos permitem. Reforçando o encontro dessas polaridades, que de acordo com Campra (2016) “a constatação mais imediata é que esses pólos remetem um ao outro, em uma oscilação permanente, mas enquanto que para ‘real’ costuma-se postular uma autonomia, o conceito de fantástico se define apenas por sua oposição: é aquilo que não é” (CAMPRA, 2016, p. 27).



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da compreensão da presença do Realismo Mágico e Maravilhoso nos contos africanos, e as marcas do insólito, apreendidas desses contos, e de como o Realismo Maravilhoso está presente nas narrativas africanas pelo fato de trazerem em seu bojo, elementos do sobrenatural, conclui-se a importância de se promover o permanente estudo dos enredos advindos da tradição africana, de forma a observarmos diálogos com expressões da literatura fantástica. As relações entre o real e o irreal, do natural e o sobrenatural, da realidade com a ficção, são dualidades ou sobreposições que as literaturas africanas carregam em sua essência e contemplam o *corpus* dessas sociedades.

Trazer para estudo os contos africanos coletados de Hampâté Bâ, é uma forma de apresentar as literaturas africanas, mais especificamente as de língua francesa, como objeto de análise, a partir de uma gama de elementos a serem investigados à luz da contemporaneidade. A coletânea de contos do autor vem demonstrar, por meio de suas histórias, aspectos inerentes ao comportamento africano, perpassados por inúmeras questões cotidianas e tão comuns para a formação do ser.

REFERÊNCIAS

BATALHA, Maria Cristina. Literatura fantástica: Algumas considerações teóricas. **Revista Letras & Letras**, Uberlândia, v. 28, n. 2, p. 481-504, jul./dez. 2012.

BORGES FILHO, Oziris; GAETA, Maria Aparecida Junqueira Veiga. **Língua, literatura e ensino**. Franca: Ribeirão Gráfica e Editora, 2005.

CALAZANS, Selma. Realismo Mágico. **E-Dicionário de Termos Literários**, 27 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/realismo-magico/>. Acesso em: 27 maio 2021.

CAMARANI, Ana Luiza Silva. **A Literatura fantástica: caminhos teóricos**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

CAMPRA, Rosalba. **Territórios da ficção**. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2016.

CARPENTIER, Alejo. **El Reino de este Mundo**. México: Edición Iberoamericana de Publicación, 1949.



CESERANI, Remo. **O fantástico**. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: EdUFPR, 2006.

CHIAMPI, Irlomar. **O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FURTADO, Filipe. **A construção do fantástico na narrativa**. Lisboa: Horizonte, 1980.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Petit Bodié et autres contes de la savane**. Paris: Éditions Stock, 1994.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas: Palas Athena, 2003.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Contracapa. *In*: HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Amkoullel, o menino fula**. Tradução de Xina Smith Vasconcellos. São Paulo: Casa das Áfricas: Palas Athena, 2003.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. **Il n'y a pas de petite querelle**. Nouveaux contes de la savane. Paris: Éditions Stock, 1999.

N'GORAN, David. **Le champ littéraire africain: essai pour une théorie**. Paris: Harmattan, 2009.

RODRIGUEZ, Alexis Márquez. Realismo mágico. *In*: RODRIGUES, Alexis Márquez. **Lo Barroco y lo real-maravilloso en la obra de Alejo Carpentier**. México: Siglo XXI Editores, 1982.